

## **Multiplicidades no sentido do humano como ecocrítica da economia política da natureza.**

Esta múltipla que se mantém  
Na orla de nossas vidas.  
Selva cerrada da lembrança  
Descerrada pela bela força  
De um poema o outro chamando  
De árvore em árvore todo arrepiado.  
Jean-Luc Nancy.

Amar os animais é aprendizado de humanidade.  
João Guimaraes Rosa.

A história da Amazônia, não apenas brasileira, mas também entre outras regiões, nações, margens e extra-nações<sup>1</sup>, que nela se entrecruzam tem sido perpassada em boa parte por distintos processos marcados pela febre extrativista, que ainda a concebe e flagela como dispensa inesgotável, enxergando em si e para si aquelas paragens como terra de ninguém, simplesmente apropriável ou como se apenas se tratasse de recursos exploráveis para a própria preservação. Tendência ensimesmada na visão que procura na relação ao outro só tirar seu bom agosto, para retomar uma expressão recorrente no idioma filosófico de Emmanuel Levinas. Assim, talvez algumas de suas considerações (interpretando-as de jeito inquieto e sem deixar de lado os limites críticos e sua cautela no reconhecimento de certa instancia de alteridade na natureza<sup>2</sup>), poderiam ser fecundas

---

<sup>1</sup> Pese ao dogma que ainda circunscreve a história, como aquela construção exclusiva dos homens e sempre contada como uma aventura concernente apenas a eles mesmos. (Baratay, 2012) Não se pode continuar mais condescendo com esse dado convencional, pois talvez vivemos momentos que como poucas vezes têm deixado vibrar a flor de pele, a fragilidade inscrita na medula do tempo, o deslocamento das relações com os outros. E nesse plano de questões resultam Insuficientes odisséias que fecham ouvidos à constatação de que “a história não é só a relação entre homens ou entre nações.” (Pelluchon, 2015, p. 94).

<sup>2</sup> Desde diversos contextos e pontos de vista leitores e intérpretes do pensamento levinasiano têm refletido, debatido e dado novas perspectivas a essa inquietação, conversa inconclusa e tensão que vem de vincular a questão da alteridade à natureza. Elisabeth de Fontenay fala no seu extraordinário texto *O silêncio das bestas* (1998), de como em Levinas o animal ainda faz referência a uma diferença desprovida de alteridade. Alguns têm acolhido o traço do pensamento da alteridade que perpassa a assinatura de Levinas pela relação duplamente quiasmática que não apaga a tensão e (des)multiplica a diferença na solidariedade dos viventes, como talvez seja a experiência da leitura em contrassinatura e reinvenção de um herdeiro inquieto como Jacques Derrida na tradução relevante e/ou transcritora do pensamento levinasiano: “Tout autre est tout autre” (Derrida, 1999). Embora outras leituras desde a ortodoxia não deixam de afirmar radicalmente a impossibilidade de associar a alteridade à natureza. E pese às mutações e desconstruções que acontecem, tentam argumentar sua postura (amparada na tradição da que parecem mais defensores, que responsáveis de sua exigência infinita), sem sequer prestar ouvidos às leituras críticas que argumentam como “o pensamento de Levinas não é o que se diz muito afável no referente à coisa e a natureza.” (Han, 2018, p.48); nem aos questionamentos sensíveis à falta de endereçamento aos outros viventes que o homem na reflexão levinasiana, e às consequências graves que implica o consentimento no extermínio dos outros seres vivos, instituído como algo habitual nos

para refletir e atuar diante do contexto amazônico e os perigos aos que se enfrenta diante dos distintos processos de extrativismo, mineração, modernização, asfaltamento, megaprojeção, racionalidade ardilosa, agronegócio, deflorestação, epidemia, devastação pecuária, fumigação, toxicidade, monoprodução, exploração, pauperização e liquidação da mão de obra, assassinato, desvalorização da vida, na usura da patentização e o *copy right*, a biopirataria, a intimidação, o etnocídio, a transgenização uniformadora e homogeneizante, a extinção dos diversos povos, línguas, sementes, rios, pós, hálitos, ritmos, tonalidades, vozes<sup>3</sup> e diferença.

Isso porque sua proposta antes que servir de cúmplice ou tabua de salvação da pressuposta liberdade do homem para assim atuar como plenitude fixa e dada de configuração e horizonte último; remete a outra escuta, à escuta do outro, outro modo de agir, de pensar, de ir ao encontro do sentido do humano e do mundo, baseado na solidariedade urgente e na incessante responsabilidade que solicita na matinal turbulência da exposição à ferida, ao imprevisível, inextricável e excedente acontecimento que a relação de alteridade entreabre. Relação com a vida de outra ordem que a preocupação ou interessamento pelo ser só em si e para si.

Em contrapelo do que pensa o slogan bem pensante demais, a relação entre ecologia e alteridade não é nada simples, nem exclui tensões, não se reduz a mera questão axiomática ou a uma moral dogmática, fundamentalista, habitual, costumeira, programática ou salvacionista; nela não apenas cabe esperar soluções prontas, o adequado e previsível. Mas exige o inusitado pelo outro e não apenas pelo ouro: a atenção que acolhe insone sem iludir o sono dos outros, na responsabilidade infinita e na iminência da indecidibilidade decisiva, e não apenas pelo interesse da potenciação e a supervivência individual da espécie, das minhas possibilidades e bem-estar exclusivo ou do oportunismo sustentável e da perpetuidade dos nossos padrões de vida.

---

discursos filosóficos da metafísica humanista (Burgat, 2012). De qualquer jeito, e sem deixar de escutar essas serias interpelações de acolhimento às alteridades da natureza, (e porque não das naturezas, como bem se diria no contexto do multinaturalismo no pensamento ameríndio com o antropólogo Eduardo Viveiros de Castro) com as consequências incomodadas, desastrosas ou também fecundas que isso possa trazer e não só para o pensamento do outro em sede levinasiana; também se precisaria não cessar de voltar e revoltar (não necessariamente de jeito conformista ou complacente, mas sim no rigor imantado pela responsabilidade infinita diante do(s) outro(s)), ao ensino excedente, turbulento e não pleno de si desse pensamento aberto sem remédio ao desejo incompletável, vindo do acontecimento do encontro com a alteridade e que porta e reporta ao filósofo do ser ao outro.

<sup>3</sup> Uma pesquisa vital a propósito da extinção da biodiversosofonia no mundo natural, ou seja, das diversas tonalidades e vozes que constituem a grande orquestra da natureza, marca acústica da singularidade de cada ser existente nesse concerto em rede relacional de timbres e sutilezas singulares e plurais que entrecemos os diversos viventes da terra, se encontra no precioso texto de Bernie Krause: A grande orquestra da natureza. Descobrimo as origens da música no mundo selvagem.

Pensar nessa relação como abertura ao pensamento e deixar acontecer o inesperado nela se resiste ao deixar fazer deixar passar acelerador da situação crítica que atravessam as diversas relações degradadas entre os existentes afeitados irreversivelmente pelo modelo econômico hegemônico e incisivo numa existência concebida sob a metafísica do consumo ilimitado e suicida, onde o mais importante é a plenitude insaciável do próprio benefício no detrimento dos outros, enxergados como simples equivalências trocáveis dentro de um sistema que de antemão pretende anular a sua incomensurável singularidade. Regime catastrófico de equivalência geral que absorve todas as esferas da existência não apenas dos homens, mas também do conjunto dos existentes, pela riqueza em si e para si, ou seja, pela acumulação empreendedora, rentável e reinvestível, que como afirma Jean-Luc Nancy: “exprime uma economia guiada pela produção e autoprodução da riqueza.” (Nancy, 2012, p. 15). O que dialoga com o que Ricardo Timm de Souza assim afirma: “O caos ecológico contemporâneo – o qual não escapa ao conhecimento de ninguém, a não ser, aparentemente, daqueles que dele usufruem -, remete ao imediato, como causa determinante, a um específico modelo econômico que faz da natureza seu almojarifado pretensamente inesgotável” (Souza, 2012).

Modelo que pretende englobar, domesticar e neutralizar as alteridades da biodiversidade no reino soberano de um mundo mais suave para si, onde se supõe livre de tomar o que quiser e a natureza parece apenas contida na palavra que a designa e se denega a ela convenientemente. Sob o pressuposto de que tudo permanece nela indistinto e só configurável sob o horizonte da compreensibilidade do ser como tal (cujo acesso é pretensamente acessível só ao homem) ou, em outras palavras: “a natureza nunca foi aceita nas suas cores próprias, nas suas cores que não acabassem sendo integradas a um arco-íris domesticado de significações moderadas (...) bagatelização e redução da questão ao projeto de desenvolvimento infinito da ocidentalidade.” (Souza, 1999, p. 153).

De outra parte, desde a interpretação inquieta das propostas de Levinas e outros pensadores, à luz das múltiplas questões e desafios que implica pensar numa ética do vulnerável hoje, Corine Pelluchon propõe uma ética da vulnerabilidade que acolhe homens, animais e outras naturezas, e que não por isso se reduz à construção de uma ética ambiental homogeneizante e ainda indiferente da multiplicidade e da diferença. Assim a autora se aproxima da responsabilidade que pulsa na exigência infinita do pensamento da alteridade no rastro de Levinas, pois:

al hacer de la responsabilidad una forma de estar aquí, que es lo propio de un sujeto que no se define solamente por la conservación y la edificación de sí mismo, sino que se inquieta por el deber ser de su derecho e íntegra, en su deseo de vivir, la preocupación por preservar la salud de la tierra, por no imponerle a las otras especies una vida disminuida y por no usurpar el lugar de los demás, deducimos las consecuencias políticas de la forma en que Levinas modificó el clima de la filosofía. (Pelluchon, 2015, p. 272).

Entre as implicações de repensar a ética e a política pelo viés turbulento da alteridade estariam que o mundo não pode mais ser assumido apenas como horizonte do desenvolvimento da autônoma liberdade antropocêntrica. Os seres não estão de antemão à mão da minha compreensão, manipulação, domínio ou condomínio. O sentido da liberdade humana não é necessariamente a totalidade do mesmo que impera no liberalismo econômico, mas antes esta perpassado pela anárquica sensibilidade do vulnerável. Assim a ufanada autossuficiência na determinação da liberdade autônoma não pode deixar de tremer rachada pela solicitação heterônoma e a preeminência da responsabilidade desbordante da medida prevista. O mais natural e dado como originário se torna o mais problemático no desabrochar do humano no ser (Levinas, 2010, p. 119). Interpelação sem alibi que de arranque dilacera a existência da autonomia pretensamente autofundada, “o shock da minha percepção do outro vulnerável faz impossível o simples retorno a mim e a minha boa consciência de existir.” (Pelluchon, 2015, p. 39).

Na fragilidade da subjetividade não há retorno ao presumível chão da minha existência impassível e só voltada para as boas intenções ou para a boa vontade de poder. A sensibilidade ético-política do pensamento da alteridade solicita para além e aquém das possibilidades e das capacidades pressupostas ao homem do humanismo essencialista e do pós-humanismo do mesmo, ao encontro das multiplicidades no sentido do humano e nas relações com outras espécies e naturezas e sem ficar na conveniente indiferença de seus rastros diferenciais.

Desse jeito, não se trata simplesmente de seguir um vazio viés anti-humanista, mas de não permanecer apático aos confins (Derrida, 2013, p. 22) instáveis do homem, às imemoriais passagens das fronteiras, aos limiares que não param de tremer pelas travessias das marcas e não-marcas que os perpassam, rastros das alteridades traçando e

apagando-se, na intermitência do entre onde não somente se opõem, o limite e a ilimitação, a definição e a indefinição.

Não é possível pensar no sentido do humano sem acolher as relações com outros seres que o homem. Despertar para as heteronomias, pensar nas multiplicidades e heterogeneidades no sentido do humano porta uma eco-crítica mais justa e resistente da economia política da natureza. Onde a humanidade não pode ser concebida mais como capacidade aderida ao próprio ou dado exclusivo dos homens. Então, quiçá seja a chance de insistir, de outro modo que o sentido preestabelecido pela metafísica humanitarista antropocêntrica ocidental, na partilha do sentido solidário dos outros que os homens, na resignificação do humano a partir dessas alteridades e sua excedência interruptora em diante iniludível.

Questões sociais são indissociáveis das ecológicas entretecendo mais relacionais que não ignoram as heterogeneidades que as perpassam. Assim a Amazônia e cada ápice do mundo gravido em mundos, solicita pensar em âmbitos de sociabilidade mais abrangentes que só a via da relação ao outro homem (se ele continua sendo pensado ancorado na aderência da pertença fixa e dada ao essencialismo do mesmo e o um) pois, antes que tudo, essa interpelação endereça talvez para humanidades onde o outro homem é inconcebível sem os outros que ele nele e fora dele.

A nossa relação com a mata nos mostra no que nos tornamos ao passo do tempo, e quando as relações se degradam no delicado equilíbrio desse incessante devir outro. Então, no reflexo “não aparecem apenas os horrores cometidos por nossa espécie ao explorar aos outros seres sensíveis, mas o rosto macilento de uma humanidade que esta perdendo sua alma.” (Pelluchon, 2017, p. 12). Na palidez da alma perdida na sórdida e surda monofonia (onde todo soa ao mesmo), diante do trêmulo apagamento das variações dos cantos e dos corpos esmagados pelo avanço do poder bio-tanato-político, a voz e o hino da ordem e do progresso (que não é exclusiva do Brasil) exaltam-se (e às vezes ainda com sevicia humanitarista) procurando impor a razão dos que presumem ser mais fortes.

Mas desde a fragilidade indômita da selva nada é resignação, nem mera redenção garantida, e nem sequer entre as cinzas as vozes descansam nem as danças da resistência que afirmam a alegria de viver e reafirmam a sobrevivida, aventurando-se e revoltando-se entre as picadas do pensamento e da tradução pelas travessias da escrita. No texto *A queda do Céu* (2015) entretecido entre o líder do povo amazônico Yanomami Davi Kopenawa e o antropólogo Bruce Albert, é possível aproximar-se, no

eterno retorno do encontro<sup>4</sup>, da textualidade transbordante do pensamento ameríndio e seu ensino excedente como chamada à sensibilidade da crise que perpassa o tempo, ou seja, as nossas relações com outros seres vivos e não vivos<sup>5</sup>; como crítica da economia política da natureza<sup>6</sup> que se impõe num processo de devastação cada vez mais vertiginosa e que nos envolve, incumbe e responsabiliza não só e também do outro homem e a cada um mais que os demais; como abertura a outra escuta dos outros seres existentes e do sentido múltiplo do humano, de princípio voltado às alteridades diferenciais com as que se relaciona no encontro da mata.

Para concluir eis aqui algumas das inquietações que restam latentes no rastro das reflexões aqui arriscadas: Basta com a soberba de um empreendedorismo racional e consciente tão alardeado hoje e que se autoproclama como única via possível, mas que ainda deixa de lado a alteridade e o devir desconhecido da responsabilidade incessante? É suficiente com a exigência do desenvolvimento sustentável pensado, planejado e executado? O que vem do pensar no humanismo do outro que o homem, mas sem esquecer-se ao mesmo tempo do homem como enigma? E por isso outro que o homem unidimensional e não só perpassado pela dupla herança heleno-judaica e sim por mais de uma herança ainda nelas? É possível o diálogo inquieto (que não apaga tensões) entre o pensamento levinasiano da alteridade à luz do pensamento amazônico, e sem simplesmente submeter esse pensamento ao raseiro dos conceitos do filósofo lituano-francês ou, pelo outro lado, sem tergiversar, nem neutralizar a generosa distância para nossa comodidade, nem esquecer o por vir de seu legado aqui e agora? Quais as consequências turbulentas e fecundas do humanismo do outro que o homem para a origem, fundamentação, limites e mutações no sentido, no sentido múltiplo do humano, na ética, na política, no direito, na jurisprudência, nos direitos dos outros, nos direitos humanos, assim como para relações mais justas entre nós, com outros animais, plantas, minerais entre outros?

---

<sup>4</sup> Expressão que relembra a fala do pensador ameríndio Ailton Krenak, com a que intervém no livro: *A outra margem de Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

<sup>5</sup> Como já antecipa o antropólogo Claude Lévi-Strauss em 1993, esse texto é vital na compreensão de que “o respeito pelo outro é a condição de sobrevivência de cada um. Lutando desesperadamente para preservar suas crenças e ritos, o xamã yanomami pensa trabalhar para o bem de todos, inclusive seus mais cruéis inimigos”. Assim também é importante o que afirma Eduardo Viveiro de Castro a propósito do acontecimento desse texto que testemunha das alteridades e as temporalidades na contemporaneidade, onde “nosso tempo é o tempo do outro. (...) Pois os tempos são outros. E o outro, mais ainda”.

<sup>6</sup> Bruce Albert afirma que *O ouro canibal* e a queda do céu podem ser caracterizados como uma crítica xamânica da economia política da natureza (1995).

## Referências bibliográficas

Albert, Bruce e Kopenawa, Davi. A queda do céu. São Paulo: Companhia das letras, 2015.

Albert, Bruce. O ouro canibal e a queda do céu: uma crítica xamânica da economia política da natureza. In: Serie antropológica, 174. Brasília: 1995.

Baratay, Éric. Le point de vue animal. Une autre version de l'histoire. Paris: Éditions du Seuil, 2012.

Benchimol, Samuel. Zênite Ecológico e Nadir Econômico social.

Burgat, Florence. Une autre existence. La condition animale. Paris: Albin Michel, 2012.

Chakrabarty, Dipesh. Le climat de l'histoire : Quatre thèses. In: Revue international des idées et des livres, 15, 2010, p. 22.

Davis, Wade. Los guardianes de la sabiduría ancestral. Su importancia en el mundo moderno. Trad. Luis Fernando Merino y Juan Manuel Pombo. Medellín: Sílabo Editores, 2015.

Derrida, Jacques. Donner la mort. Paris: Galilée, 1999.

\_\_\_\_\_. Les arts de l'espace. Ginette Michaud et Joana Masó. Paris: Éditions de la Différence, 2013.

Fontenay, Elisabeth de. Le silence des bêtes. La philosophie à l'épreuve de l'animalité. Paris: Fayard, 1998.

Han, Byung-Chul. Muerte y alteridad. Trad. Alberto Ciria. Barcelona: Herder, 2018.

Krause, Bernie. A grande orquestra da natureza. Descobrimos as origens da música no mundo selvagem. Trad. Ivan Weisz Kuck. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

Levinas, Emmanuel. Carnets de captivité suivi de Écrits sur la captivité et Notes philosophiques diverses. Éditions Grasset & Fasquelle, IMEC Editeur, 2009.

\_\_\_\_\_. Paul Celan de l'être à l'autre. Paris: Fata Morgana, 2004.

\_\_\_\_\_. El tiempo y el otro. Trad. José Luis Pardo Torío. Barcelona: Ediciones Paidós, 1993.

\_\_\_\_\_. Difícil libertad. Ensayos sobre el judaísmo. Buenos Aires: Lilmod. 2004.

\_\_\_\_\_. Ética e infinito. Trad. Jesús María Ayuso. Madrid: La balsa de la Medusa, 2010.

Maciel, Maria Esther. Literatura e animalidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

Nancy, J.-L. L'Équivalence des catastrophes (Après Fukushima). Paris: Galilée, 2012.

\_\_\_ La selva. In: Demanda. Literatura e filosofia. Texto editado por Ginette Michaud. Trad. João Camilo Penna. Florianópolis: UFSC, 2015.

Souza, Ricardo Timm de. Alteridade e ecologia. Totalidade e desagregação. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999.

\_\_\_ Alteridade e ecologia - a natureza totalizada e a outra natureza. In: <http://timmsouza.blogspot.com/2012/09/alteridade-e-ecologia-natureza.html>

Pelluchon, Corine. Elementos para una ética de la vulnerabilidad: los hombres, los animales, la naturaleza. Trad. Juan Fernando Mejía Mosquera. Bogotá: Editorial Pontificia Universidad Javeriana, 2015.

\_\_\_ Manifiesto animalista. Politizar la causa animal. Trad. Juan de Vivanco. Penguin Random House, 2017.

Picq, Pascal. A diversidade em perigo: de Dawin a Lévi-Strauss. Trad. Maria Alice A. de Sampaio. Rio de Janeiro: Valentina, 2016.

Pizarro, Ana. Amazonia: El rio tiene voces. Santiago de Chile: FCE.